

Pensamento bergsoniano e Educação Física: a relação entre memória e corpo nos dizeres de praticantes do Jiu-Jitsu

LUIS CARLOS RODRIGUES *

ALBIO FABIAN MELCHIORETTO **

Resumo: A memória apresenta-se como uma perspectiva para se pensar aspectos biológicos, culturais e históricos sobre o corpo na Educação Física. A partir desta provocação e fundamentado pelas ideias de Bergson sobre memória e corpo, o presente artigo tem por objetivo entender como se articula a relação entre memória e corpo nas práticas corporais de Jiu-Jitsu. Pensa-se, aqui, a educação física em conjunto com as ciências humanas através de uma caminhada que vai além das práticas corporais. O trabalho é uma análise de uma situação vivenciada em sala de aula, no campus de Ibirama do Instituto Federal Catarinense, num projeto de extensão que ofertou para a comunidade treinos de Jiu-Jitsu. Através de uma pesquisa qualitativa e exploratória com dados aferidos por meio de entrevistas semiestruturadas e anotações em um diário de campo, entendeu-se numa análise cartográfica, a articulação entre memória e corpo junto da problemática do devir, do virtual e do movimento contrapondo, além de Bergson, Deleuze, Foucault e Bracht. Quando se fala em corpo, a ideia que prevalece costuma ainda ser a de um corpo que se opõe a uma mente ou a uma alma, mas a pesquisa aponta perspectivas que transcendem esta relação.

Palavras-chaves: Educação; Jiu-Jitsu; Memória; Corpo; Educação física.

The bergsonian memory in Physical Education: the relationship between memory and body in Jiu-Jitsu practice sayings

Abstract: The memory presents itself as a perspective to think from biological, cultural and historical aspects of what constitutes the body in Physical education. base don't his challenge and based on the ideas of Bergson on memory and body, this article aims to understand how the relationship between memory and body in Jiu-Jitsu. physical education will be thought together with the human sciences through a journey that goes beyond bodily practices. the work is an analysis of a situation experienced in the classroom, at the Ibirama campus of the Federal Institute of Santa Catarina, in the extension project that offered Jiu-Jitsu training to the community. through a qualitative and exploratory research with data obtained through a semi-structural interview and notes in a field diary, we understood the articulation between memory and body articulating the problem of becoming, of the virtual and of the movement, in contrast to Bergson, Deleuze, Foucault and Bracht. when one speaks about the body, the prevailing idea is still that of a body that opposes a mind or a soul, but research points out perspectives that transcend this relation.

Key words: Education, Jiu-Jitsu; Memory; Body; Physical Education.



* **LUIS CARLOS RODRIGUES** é doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, (FURB); professor do Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Ibirama (SC).



** **ALBIO FABIAN MELCHIORETTO** é doutorando em Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau (FURB).

1. Introdução

As práticas corporais na educação física, comumente pensadas somente no âmbito das ciências naturais passaram a ser cogitadas em conjunto com as ciências humanas. No Brasil, este movimento aconteceu na passagem do século XX para o século XXI. Para se entender esta questão é importante a sua vinculação com a cultura. Bracht (1989) argumenta em favor da cultura num processo que ele chama de desnaturalização da educação física. Soares *et al.* (1992) delimitam a noção de cultura corporal como objeto da educação física, em meio à forte crítica de cunho social e econômico contra a maneira como se vive, tendo em vista uma transformação social através da educação. Bracht (1992) e Betti (1996) defendem o termo cultura corporal de movimento. Na mesma linha, estes pensadores propõem uma caminhada com a educação física, além de práticas corporais, mas pensam em conjunto com as ciências humanas. Bracht (2005), ao defender um peso maior para o conceito de cultura para se pensar o objeto da educação física, enfatiza que “[...] elementos antropológicos fundamentais, por si só não justificam a educação física enquanto disciplina.” (BRACHT, 2005, p. 101).

Procura-se compreender o Jiu-Jitsu, neste texto, como uma prática corporal implicada na discussão em torno do conceito de cultura corporal de movimento presente à educação física brasileira.

A temática da relação entre memória e corpo, na filosofia de Henri Bergson (1990), auxilia os pensadores da educação física a não perderem de vista a vivência do movimento quando dão privilégio ao conceito de cultura. Pretende-se adentrar aqui em questões que atravessam a cultura corporal, por uma discussão, não somente

antropológica, mas também de ordem filosófica.

Além de Bergson, outros estudos, em especial Foucault (2009a, 2009b), trazem implicações filosóficas e históricas para o que se pensa sobre educação física e educação. Diante desta perspectiva na educação física, parte-se do seguinte problema: *como se articula a relação entre memória e corpo nas práticas corporais do Jiu-Jitsu?*

Medina (2011) analisou a objetivação onde a educação física faz do corpo, tratando-o como máquina, perdendo de vista uma compreensão ampla da existência humana. Fragmentando-o em corpo-mente, fazendo dele um objeto que a mente carrega junto de si, a dualidade *mens-corpus*. A dualidade parece fazer-se presente. Kunz (1991; 2010), entende a expressão cultura corporal como algo que reforça a dualidade mente-corpo, na medida em que abre espaço para a oposição entre intelecto e corpo. Como se aspectos culturais não fossem, desde sempre, corpóreos.

Por outro lado, a busca da superação da dualidade mente e corpo, numa perspectiva de se pensar como substância única, conforme Medina (2011), tende a se reduzir tudo à matéria. Bergson (1990) dedicou-se a essa questão. Existem dois sistemas de imagens para o filósofo, numa compreensão de que matéria constitui-se em imagens e o corpo humano é uma imagem dentre as outras. O primeiro sistema, em que todas as imagens se relacionam com todas as outras, de uma maneira indeterminada. Outro, em que todas as imagens se relacionam a uma imagem especial, o corpo do vivente. Para o filósofo, os idealistas fazem nascer o primeiro sistema do segundo. Os realistas, vice-versa. Tanto idealistas, quanto realistas, colocam um dos dois sistemas para dele

extrair o outro, por uma representação dedutiva apenas.

Entretanto, Bergson (1990) entende que o corpo recebe e devolve estímulos, sem a possibilidade de fazer nascer uma representação durante esses movimentos como pretendem os materialistas e os idealistas. A partir da percepção sensório-motora, o cérebro possui uma complexidade capaz de dividir o estímulo recebido indefinidamente, possibilitando uma variabilidade indefinida e infinita de respostas. Um sistema nervoso mais complexo vincula-se com uma percepção mais complexa. Em corpos com sistemas nervosos menos desenvolvidos, ação e reação tendem a acontecer quase o mesmo tempo. O tocar é ao mesmo tempo ativo e passivo. Na medida em que aumenta a complexidade do sistema nervoso central, aumenta amplitude de percepção e o intervalo entre ação e reação. No intervalo, a memória insere-se. A ação vai se tornando cada vez mais complexa e indeterminada. A percepção consciente não faz nascer uma representação. Há prolongamento da ação necessária depois do estímulo recebido do mundo externo. A percepção vincula-se a uma relação mais ou menos intensa com a matéria que cerca o ser vivo. Não é possível, assim, que a percepção tenha mais do que a matéria. Haveria um problema lógico aqui. Não há nada que possibilite fazer nascer mais ali. Na percepção não existe mais do que existe na matéria. Existe menos. A percepção é proporcional diretamente à hesitação do ser vivo em agir. Assim, a percepção abre possibilidades de ação na matéria. Essas possibilidades são preenchidas pela memória. Nesse sentido, matéria e memória misturam-se para qualificar a ação do ser vivo no mundo.

Mas, o que é memória? O que se pode compreender sobre a relação entre

memória e corpo? O que é corpo? Para Bergson (1990), os estados psicológicos são impressos no corpo pelas lembranças, estabelecendo, assim, um lugar onde a questão da memória pode ser colocada. Mas, para o autor, apenas isso não dá conta de uma relação entre memória e corpo, fica-se limitado ao que acontece de atual nesta interação, perdendo-se de vista o virtual, onde as possibilidades abrem-se em devir. A memória escapa daquilo que se determina.

[...] meu corpo é um centro de ação, o lugar onde as impressões recebidas escolhem inteligentemente seu caminho para se transformarem em movimentos efetuados; portanto, representa efetivamente o estado atual de meu devir, daquilo que, em minha duração, está em vias de formação. De maneira mais geral, nessa continuidade de devir que é a própria realidade, o momento presente é constituído pelo corte quase instantâneo que nossa percepção pratica na massa em vias de escoamento, e esse corte é precisamente o que chamamos de mundo material: nosso corpo ocupa o centro dele; [...] (BERGSON, 1990, p. 113).

Bergson (1988) compreende a consciência de duas maneiras: pela possibilidade de se justapor pontos matemáticos no espaço ou por uma sucessão de modificações da própria consciência, imediatamente no tempo, chamada de duração.

Imaginemos uma linha reta, indefinida, e sobre essa linha um ponto material A, que se desloca. Se esse ponto tomasse consciência de si mesmo. Sentir-se-ia mudando, já que se move: perceberia uma sucessão. Mas essa sucessão se revestiria para ele na forma de uma linha? Sem dúvida sim, contanto que ele pudesse se elevar de algum modo a cima da

linha que percorre e perceber nela simultaneamente vários pontos justapostos [...] Se o nosso ponto consciente A, ainda não tem uma idéia de espaço – e é com essa hipótese que devemos trabalhar - a sucessão de estados pelos quais passa, não poderia revestir-se para ele na forma de linha; mas suas sensações se juntarão dinamicamente umas nas outras e se organizarão entre si como fazem notas sucessivas de uma melodia pela qual nos deixamos embalar. (BERGSON, 2006, p. 11).

Trata-se do tempo em que se vive a experiência, não do tempo decomposto artificialmente no espaço, em momentos predeterminados, como acontece num relógio. Uma multiplicidade, segundo Deleuze (1999), heterogênea, na fusão de diferentes naturezas, que mudam de natureza ao se dividir, imprimindo a mudança ávida, condição, segundo Bergson (1988), para que a liberdade seja possível.

Para Bergson (1990), a memória consiste no armazenamento da duração. Insere-se na experiência enquanto esta é vivenciada. É o passado, conforme o filósofo. Mas, num sentido que carrega junto, também, presente e futuro. Dobrando-se sobre o presente, tornando possível a criação do futuro. Num movimento contínuo. Em que a efemeridade do presente desfaz o corpo em sua atualidade. O corpo, assim, já é, sempre, passado. O corpo é memória.

Então, Bergson (1990) denuncia uma memória hábito, reduzida a aspectos motores apenas, que não possui duração. Limitada às necessidades de sobrevivência. Fortemente, presente nas ações do cotidiano, que acabam sendo automatizados pelo corpo. A memória hábito tende a dominar as ações do corpo em sua atualização.

[...]. A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada. Portanto, a repetição não tem de modo algum por resultado converter a primeira na segunda; seu papel é simplesmente utilizar cada vez mais os movimentos pelos quais a primeira se desenvolve, organizar esses movimentos entre si e, montando um mecanismo, criar um hábito do corpo. [...]. (BERGSON, 1990, p. 64).

Para Bergson (1990), vive-se a relação entre corpo e espírito. O dualismo serve para que se possa entender como “a totalidade de nosso passado, exerce uma pressão para diante a fim de inserir na ação presente, a maior parte possível de si mesma” (BERGSON, 1990, p. 138). O passado é o espírito pressionando o corpo no presente. Para Deleuze (2000), em interpretação de Bergson, o virtual (passado) encarna-se no atual (presente) e vice-versa. De modo que o presente não passa do nível mais contraído do passado. Assim, para Deleuze (1999), há um caminho para se chegar ao monismo, ou seja, o comum entre memória e corpo. Conforme Bergson (1990), o presente é efêmero, sempre já passou. O que existe é o passado. A memória.

Pela maneira como se vive, existe uma forte uma tendência de se perder de fato a liberdade que as possibilidades abertas pela memória oferecem. A memória tende a ser obnubilada, fazendo o corpo esmaecer sem seu espírito.

Em concordância com as ideias sobre hábito de Bergson, conforme Foucault (2009a, 2009b), dispositivos de saber-poder atuam sobre o corpo dos

indivíduos. Foucault (2009b) compreende o corpo como um objeto de tecnologias disciplinares na modernidade. Segundo ele, para um melhor aproveitamento espaço-temporal, a disciplina atua nos indivíduos, distribuindo-os em espaços, favorecendo que o poder possa ter como alvo o “corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2009b, p. 132). O homem-máquina que é analisável, manipulável, inteligível, obediente e útil. Utilidade e obediência atuam uma sobre a outra, reciprocamente.

Poder que não atua negativamente apenas por meio da repressão, mas de maneira positiva, produzindo efeitos. Múltiplos poderes em todas as direções, não se reduzem a uma relação de dominadores e dominados, de cima para baixo, conforme Foucault (2009a, 2009b), uma tecnologia política e social constitui um universal sujeito moderno, por intervenções e controles reguladores das mais diversas instituições sociais.

No século XIX, por causa da expansão das cidades: proximidade entre multidão de pessoas e contaminação. O corpo ganha importância por aspectos biológicos: higiene e saúde. Busca-se um melhoramento racial. A ideia de melhorar o homem enquanto espécie. O melhoramento do homem não foi imposto de maneira autoritária. Corresponde ao desejo das camadas populares e da burguesia (FOUCAULT, 2009a).

Para Dreyfus e Rabinow (1995) a objetivação da disciplina e a subjetivação da biopolítica construíram o homem moderno: “[...] se uniram para formar tecnologias de poder que ainda caracterizam nossa situação atual” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 149).

Vive-se um tempo de rápidas mudanças e a passagem de uma sociedade disciplinar para o que Deleuze (2000) chama de sociedade de controle, na qual o espírito empreendedor passa a ser, muitas vezes, mais desejável do que a obediência e docilidade, na busca de mais eficiência e eficácia para perpetuação do modo como se vive. Mas, conforme Ball (2011), a disciplina não é sempre dispensável.

O objetivo deste texto é compreender como memória e corpo, articulam-se nas práticas corporais do Jiu-Jitsu, segundo a fala dos entrevistados, à luz de pensamento crítico sobre a modernidade, a educação e a educação física. O faremos a partir do pensamento de Bergson, Deleuze, Foucault e Bracht.

2. A estratégia

A pesquisa aconteceu de maneira qualitativa e exploratória. Conforme Minayo (2010), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados, as crenças, os valores, os comportamentos, os motivos e as aspirações humanas. Descreve a complexidade da problemática e analisa as relações encontradas na pesquisa. Para Gil (2008), pesquisas exploratórias são mais flexíveis. Devem “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). O instrumento principal de pesquisa constituiu-se numa entrevista semiestruturada. Foram entrevistados três participantes do projeto. O critério de escolha dos entrevistados foi o fato deles, ao contrário dos demais participantes, já terem praticado Jiu-Jitsu anteriormente. Chamados, para efeito de identificação, de E1, E2 e E3. Também, escreveu-se um diário de campo a partir de observações realizadas durante o projeto.

A relação entre memória e corpo traz junto de si uma problemática em devir, virtual¹, sempre em movimento, que não se deixa capturar, tornando difícil qualquer análise, de acordo com Deleuze (2000). Como explicar algo em movimento, sem dispor do espaço para fazer as devidas divisões para que uma análise possa ser executada? Na trilha da pesquisa qualitativa de se buscar uma maior flexibilidade metodológica, decidiu-se pelo método cartográfico para manejo da entrevista e análise dos resultados. Uma metodologia que valoriza sobremaneira o decurso daquilo que se passa. Segundo Kastrup (2007), a cartografia segue os processos: privilegia o indeterminado.

3. A cartografia

Abaixo, seguem anotações de diário de campo e transcrições de falas dos entrevistados com o intuito de explicitar como a relação entre memória e corpo se dá nas práticas corporais do Jiu-Jitsu. Vislumbra-se uma polarização entre uma educação que repete e uma educação que abre possibilidades:

Pode-se perceber a imagem de uma luta de Jiu-jitsu. Nela, os corpos rolam pelo tatame e se movimentam em direções e sentidos quase impossíveis para a anatomia do corpo dos lutadores. Os corpos ficam entrelaçados de tal forma, que fica impossível de se saber onde começa um e termina o outro. Os movimentos são inusitados. Mesmo quando se percebe determinado golpe, raramente pode ser identificado exatamente como uma repetição fiel de um golpe

catalogado. (Fonte: Anotações do Diário de Campo, 10/03/2017).

A anotação acima realça os muitos graus que existem na educação. Nesta seção, junto dos entrevistados, em suas falas, há uma tentativa de se buscar noções de como se dá a relação entre memória e corpo no ensino do Jiu-Jitsu.

Logo, num primeiro momento, ao encontro de uma educação que repete, pode-se constatar o disciplinamento do corpo do entrevistado em sua fala. A aprendizagem dos golpes é ensinada de maneira tecnicista, valorizando o treinamento esportivo, através de uma repetição objetiva dos golpes.

Nesta perspectiva, o estudante E2, aponta,

E2: “(...) Então você precisa chegar no tatame, treinar e suar pra aprender o golpe, e mesmo após aprender, é preciso repetir esse movimento para nunca esquecer(...)”

Assim, junto das falas dos entrevistados, são utilizados, de maneira muito resumida, alguns escritos sobre Jiu-Jitsu.

Num cenário de abertura política e econômica do Japão, em meados do século XIX, havia, conforme Robbe (2006), uma preocupação em não se difundir todos os segredos do Jiu-Jitsu. Assim, parte de suas técnicas foram modificadas ou mantidas em sigilo.

Para Bracht (1999), a modernidade construiu corpos dóceis: “[...] a dimensão corpórea do homem aparece como um elemento perturbador que precisa ser controlado pelo estabelecimento de um procedimento rigoroso” (BRACHT, 1999, p. 71). Nesse contexto, surge o Sistema Kano de Jiu-Jitsu que deu impulso ao Judô atual e ao Jiu-Jitsu desenvolvido no Brasil ao longo do século XX. Pode-se ver em Kano (2008a, 2008b), um esforço de se transformar uma prática de luta marcial em um

¹ Em Deleuze (1999, 2000) o devir é em primeiro lugar o mudar, entretanto, significa que os dados mais familiares da vida mudaram de sentido, mas a memória permanece. O virtual é antítese do atual, que é o dado empírico, enquanto que o virtual é o ideal.

método educativo. Para Kano, deve-se aperfeiçoar mente e corpo, num sentido de disciplina do ser humano, buscando os graus máximos de eficiência e bem-estar. Kano (2008a, 2008b) defende a utilidade, a força e a saúde do corpo humano. Destaca a necessidade de melhorias diversas: moradia, vestuário e relações sociais, apontando preceitos de regulação para o próprio viver. Como um treinamento da mente e do corpo para a vida e para os negócios.

E3: “Por repetição, o professor mostra como é, e nós repetimos esse movimento, criando uma espécie de memória muscular, e com o passar do tempo com as repetições isso se torna instintivo, como um reflexo”.

Os preceitos de Jigoro Kano vão ao encontro dos dizeres acima, compreendendo o corpo, enquanto objeto e sujeito do poder, conforme Foucault (2009a, 2009b), encarnado pela disciplina e pela biopolítica, para que se viva da maneira como essas tecnologias possibilitam, através da prescrição e, principalmente, da produção de certa maneira de se viver. “A invenção dessa anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita, mas uma multiplicidade de processos, muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, [...]” (FOUCAULT, 2009b, p. 134). O homem moderno nasce daí. As práticas disciplinares atuam na manutenção da ordem civil sobre os indivíduos de maneira tática, fazendo da sociedade uma tropa útil e dócil, resultante das “coerções permanentes, [...] docilidade automática” (FOUCAULT, 2009b, p. 162).

Constituído junto do Judô, até meados do século XX, o Jiu-Jitsu, segundo Robbe (2006), passou, ao longo de sua história, de uma defesa pessoal, para uma arte marcial, chegando, na atualidade, como

um esporte. Justo, entre os séculos XIX e XX, ganham ênfase aspectos diversos ligados ao movimento humano em que emerge o esporte: “Treinamento esportivo e ginástica promovem a aptidão física e suas consequências: a saúde e a capacidade de trabalho/rendimento individual e social, objetivos da política do corpo” (BRACHT, 1999, p. 74).

E1: “O Jiu-Jitsu tem muitos golpes, muitas variações, então eu avalio que o bom sistema é preparar primeiro o condicionamento, a técnica, os golpes, as saídas, as chaves as raspagens e depois pôr em prática isso em uma luta real ou nos campeonatos (...)”

O relato acima mostra características da esportivização, que perpassou o Jiu-Jitsu e as práticas corporais, ao longo do tempo. No esporte, “a saúde e a capacidade de trabalho/rendimento individual e social, objetivos da política do corpo” (BRACHT, 1999, p. 74).

Não se pretende rotular o Jiu-Jitsu como uma invenção moderna reduzida à objetivação e subjetivação de dispositivos de saber-poder; muito pelo contrário, o Jiu-Jitsu é maior que isto, sua tradição milenar é gigante. Robbe (2006) traz informações sobre o Jiu-Jitsu do ano 250 a.C., quando monges budistas peregrinavam pelo interior da Índia, sem poder fazer uso de armas para se defender de possíveis ataques. Os monges desenvolveram princípios de alavanca, forças mecânicas, torção, tração, compressão, flexão, equilíbrio e centro de gravidade do corpo humano, para que pudessem se defender sem o uso de armas e de força bruta. Há diversas manifestações culturais do Jiu-Jitsu que fogem ao escopo deste trabalho.

A visão moderna do Jiu-Jitsu, tanto no oriente como no ocidente, oblitera sua tradição oriental, o que colabora para diferentes pontos de vista sobre esta

prática corporal: arte marcial, defesa pessoal, esporte, etc. Havendo privilégio do esporte.

O Jiu-Jitsu possui seu lugar na trama das interações sociais de hoje em dia, sendo atravessado por forças que o arrastam para as condições de possibilidades modernas e ocidentais. Tal realidade está intimamente relacionada com a esportivização do Jiu-Jitsu. O que afeta sobre maneira seu lugar na Educação física. Como se pode ver acima, a repetição dos golpes ensinados aparece como ação central durante os ensinamentos dos golpes. Mas qual relação desta reflexão com o objetivo de estudo?

O treinamento repetitivo tende a anular a relação entre memória e corpo. A memória, para Bergson (1990), tende ao hábito. Ela afasta o corpo do seu espírito, através de uma objetivação corporal. O sensorio-motor visa à sobrevivência. As lembranças úteis são as cotidianas que são lembranças decoradas. Uma memória material, que se volta para problemas atuais. O hábito torna tudo previsível, fazendo perder a virtualidade e aniquilando a duração. Também compromete a possibilidade de superação da dualidade entre memória e corpo, tendo em vista o corpo somente no presente, separado das possibilidades que o passado pode trazer. Tem-se, assim, um corpo desencarnado de sua memória. Para Bergson (1990), trata-se de mecanismos motores de uma memória que age no presente, num tipo de reconhecimento chamado pelo filósofo de automático.

E2: “(...) o tatame pra mim é um lugar sagrado. Então ele (o Jiu-Jítsu) ensina, antes de mais nada, disciplina e respeito”.

A memória habita e encarna-se com mais intensidade no corpo disciplinado. Segundo Foucault (2009b), a disciplina é

um dispositivo com alto poder de produzir o corpo autômato. O corpo é desarticulado e recomposto nos espaços para ser sujeitado a um aumento da aptidão e da dominação.

Assim, a organização espacial no tatame possibilita a análise dos corpos pela justaposição espacial, em sintonia com o modo de viver moderno que exige a análise de tudo. Desde germes, soldados, estudantes, trabalhadores, dentre outros. Como se todas as possibilidades de vida fossem esquecidas junto aos miasmas de uma medicina anterior. De acordo com Bergson (1988), numa tendência de anular a duração, tudo é colocado em relação ao espaço.

Na medida em que o Jiu-Jitsu fica reduzido à monótona repetição dos golpes, sua prática fica presa aos hábitos motores que, segundo Bergson (1990), reduzem-se a reflexos instantâneos no presente, sem que haja uma dobra do passado para enriquecê-los com a memória, restando apenas o atual.

Atualmente, através de uma relação entre aspectos culturais e o movimentar-se do corpo, conforme Kunz (1991; 2010), Santin (2002), Hidelbrandt e Langig (1986), Betti (2007), dentre muitos, existe na Educação física brasileira forte crítica que perpassa a perda da experiência do movimentar-se, havendo ênfase no esporte, são privilegiados conteúdos de ordem motora, sempre pré-determinados, de acordo com a tradição, numa economia de tempo e efetividade, conforme os objetivos traçados previamente. Tudo colabora para que se tenha um caminho sempre pronto para ser trilhado em direção a um modelo a ser seguido de maneira alienada. Para Hidelbrandt-Stramann (2001), nos esportes, um correr torna-se sempre o correr esportivo, é um o jogo. Acaba-se em formas esportivas estereotipadas, em espaços já devidamente formatados.

Entretanto, ainda assim, os movimentos que duram numa luta de Jiu-Jitsu transcendem as determinações impostas pela tendência à repetição somente, a citação abaixo faz menção da vivência do movimento e denuncia o que pode obscurecer sua virtualidade,

[...], quero declarar que gostaria - e de gostos dizem que não se discute - que a Educação física mais do que me treinar para saltar alturas em metros ou centímetros, me permitisse saltar pelo prazer de flutuar no ar por alguns segundos; mais do que transmitir técnicas de natação para superar o tempo e o espaço, me ajudasse a cultivar o carinho macio da água; mais do que insistir na automação dos arremessos ao cesto, me mostrasse a beleza da trajetória da bola voando ao encontro de uma recepcionista. (SANTIN, 2002, p. 12).

Embora haja o privilegio da repetição, com ênfase no treinamento, noutro sentido, o da experiência, acontece a vivência dos movimentos corporais com liberdade. Na sequência da entrevista, indagou-se aos entrevistados sobre a questão da repetição. Foi perguntado como se daria a aplicabilidade dos golpes aprendidos durante o treinamento. Ou seja, os entrevistados deveriam responder como fazem para colocar em prática, durante suas lutas, os golpes que aprenderam no processo de ensino-aprendizagem das aulas.

E2: “Quando estou lutando, procuro ao máximo fazer um movimento perfeito, para que eu não dê espaço para um contragolpe, mas a luta é dinâmica, então muitas vezes o adversário defende (...). Então, o treino faz com que os golpes encaixem de forma perfeita, mas nas lutas a situação é diferente porque o adversário vai defender e atacar”.

O entrevistado reconhece que não consegue compreender como é capaz de

aplicar determinado golpe na luta. Tudo se passa como se as posições estudadas fossem amplas demais durante a luta, de modo que suas variações não dão conta das demandas práticas que a luta traz. O treinamento é essencial para que se tenha sucesso na luta. Mas, tudo que acontece na luta não se reduz ao treinamento. Aquilo que pode ser analisado e objetivado durante o treinamento constitui-se somente numa face das possibilidades que existem em cada movimento corporal do Jiu-Jitsu. Uma miríade infinita de outras possibilidades está ali, desde sempre, não de maneira latente, como possibilidades que foram estudadas previamente, sem realidade, mas como uma virtualidade muito real.

Há o vislumbre de uma duração na fala acima, enquanto os corpos interagem rolando sobre o tatame. Quando a experiência acontece de maneira aberta, em devir, o atual integra-se com o virtual. Os lutadores obedecem aos limites das regras do Jiu-Jitsu. Por outro lado, criam movimentos ao mesmo tempo. Existe inexoravelmente o virtual na prática do Jiu-Jitsu. O virtual acontece somente enquanto as possibilidades não sejam dadas antecipadamente. Deleuze (1999) estabelece a relação entre virtual e atual em oposição à relação entre possível e real. Virtual e atual são reais quando se relacionam. Já, o possível não tem realidade, apenas atualidade. Uma possibilidade dada de antemão pode realizar-se, ou não, mas, já é atual. Enquanto que toda a virtualidade que envolve o atual, pode não se atualizar, mas, já é, desde sempre real. O devir é o que se modifica conforme a experimentação acontece. Totalmente real e livre daquilo que é ordenado antecipadamente.

O virtual, muitas vezes, é pouco valorizado pela tendência das possibilidades serem dadas

antecipadamente nos treinamentos esportivos com o disciplinamento dos corpos dos praticantes de Jiu-Jitsu. Os entrevistados obedecem aos limites do treinamento do Jiu-Jitsu. No entanto,

E1: “O Jiu-Jitsu é muito dinâmico, então, às vezes, você treina muito uma posição e na hora da luta não dá certo aquela posição, e tem que aplicar uma variação daquela posição. (...). Então, não é um negócio matemático. É muito do momento, da situação, se está favorável, se está desfavorável (...).”

Assim, criam-se movimentos ao mesmo tempo. Existe inexoravelmente o virtual na prática do Jiu-Jitsu. Nesse sentido, pode-se entrever que o atual está no virtual e o virtual está no atual. Dessa forma, há um comum entre os dois, superando, assim uma visão dualista, em certo sentido, na relação entre corpo e espírito, na medida em que se recusa uma vida reduzida ao hábito somente, abre-se então, espaço para a experiência.

4. Finalização

Os entrevistados trazem nos relatos a encarnação da disciplina. Com isso eles valorizam aspectos habituais que podem ser desfavoráveis para uma mudança que emana da vida, por uma separação do corpo de seu espírito. Para Medina (2011), a fragmentação do corpo consiste num impedimento para a renovação e transformação cultural do mundo em que se vive. “Quando se fala em corpo, a ideia que prevalece costuma ainda ser a de um corpo que se opõe ou se contrapõe a uma mente ou a uma alma” (MEDINA, 2011, p. 50). Em contraponto a uma esportivização do Jiu-Jitsu, com a fala dos entrevistados, junto de Bergson (1990), pode-se pensar a cultura corporal sem o dualismo mente-corpo, através de um monismo que não oblitera o espírito, na medida em que concebe a inserção da memória na atualização dos corpos.

A relação entre memória e corpo articula-se entre uma memória que repete os gestos técnicos aprendidos de antemão durante os treinamentos e uma memória que cria o diferente nas práticas corporais do Jiu-Jitsu. A repetição parece ser supervalorizada por conta dos dispositivos de saber-poder que disciplinam os corpos dos entrevistados como acontece em toda a sociedade. Entretanto, eles compreendem que cada golpe executado durante a luta é uma criação, que depende não somente dos gestos aprendidos de cor. Assim, pode-se recorrer a Bergson (1990) e sua teoria da memória para explicar que os golpes dependem daquilo que somos e fazemos. Tudo que está acumulado em nossa memória entra em comunhão com a efemeridade do presente no enlace e desenlace de corpos no tatame.

E3: “Acho que crio algo novo, pois a cada luta é diferente, (...)”.

Aqui, com essa última fala, como em parte das outras, que foram analisadas anteriormente, cabe realçar, junto de Worms (2010), a contribuição do Bergsonismo para a filosofia e, por que não dizer, para a Educação física, a mudança é inerente à vida.

A memória que repete objetivamente os movimentos aprendidos durante os treinamentos abre-se à liberdade que dura intuitivamente nas lutas. A vida prossegue criando o novo, contra condições de possibilidades desfavoráveis para a mudança. Não se trata somente de uma questão teórica, mas a prática que está aqui envolvida. Dois sentidos para a vida: servidão ou liberdade, conforme se valorize a memória hábito, reduzida a aspectos corporais, ou toda a memória que dá consistência ao corpo, abarcando todo o espírito.

Referências

BALL, S. J. Sociologia das Políticas Educacionais e Pesquisa Crítico-Social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. In: BALL, Stephen J; MAINARDES, Jefferson (Orgs.). **Políticas Educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-53.

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Memória e vida**: textos escolhidos por Gilles Deleuze; Tradução: Carla Berliner – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Revista Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.

_____. **Educação física e cultura corporal de movimento**: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. *Revista da Educação física/UEM*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007.

BRACHT, V. **Educação física**: a busca da autonomia pedagógica. *Revista da Fundação de Esporte e Turismo*, v. 1, n. 2, p. 12-19, 1989.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação física**. *Cad. CEDES*, v.19, n. 48, p.69-88, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>. Acesso em: 12.08.2017.

_____. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação física Escolar**: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005, p. 97-106.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: editora 34, 1999.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro editora 34, 2000.

DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além**

do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1: A vontade de saber**. 19ª Ed. São Paulo: editora Graal, 2009a.

_____. **Vigiar e Punir**. 36 Ed. Petrópolis: Vozes, 2009b.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 Ed. Editora Atlas: São Paulo, 2008.

HILDEBRANDT, R. LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação física**. 2 ed. Ed. Unijuí. 2001.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, jan./abr. 2007.

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008a.

KANO, J. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô**. São Paulo: Pensamento, 2008b.

KUNZ, E. **Educação física, ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 7 Ed. Ijuí: Unijuí, 2010.

MEDINA, J. P. S. **A Educação física cuida do corpo e mente**. 22 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROBBE, M. **Brazilian Jiu-Jitsu: a arte suave**. Editora On Lise, n.05, 2006.

SANTIN, S. **Textos malditos**. Porto Alegre: EST, 2002.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação física**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

WORMS, F. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. São Paulo, Editora Unifesp, 2010.

Recebido em 2019-05-26
Publicado em 2020-06-07